

M-93-22



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

1

DÉCADA DE VINTE  
OS MOVIMENTOS POLÍTICOS E SOCIAIS NO RN



LAECIO LUIZ DE OLIVEIRA

NATAL/RN

1993



LAECIO LUIZ DE OLIVEIRA



DÉCADA DE VINTE  
OS MOVIMENTOS POLÍTICOS E SOCIAIS NO RN

Monografia apresentada à disciplina  
Pesquisa Histórica II, do curso de  
História da UFRN, ministrada pela  
professora Marlene da Silva Mariz.

NATAL/RN  
1993



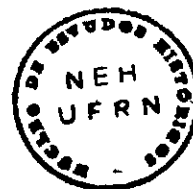
## A G R A D E C I M E N T O S

- A Deus, por me fazer acreditar nele nos diversos momentos.
  
- A meus avós, que me assumiram como filho me educando e apoiando todas as minhas opções até hoje.
  
- A profª Marlene Mariz, pela sua tolerância nos momentos que de sistíamos, e por sempre nos acei tar todas as vezes que quisemos voltar para concluir esta pesqui sa.



## S U M Á R I O

INTRODUÇÃO.....	03
I - A República Velha.....	05
II - O Brasil na década de vinte.....	10
II.1 - O Tenentismo.....	14
II.2 - A Coluna Prestes.....	17
II.3 - O Operariado.....	18
II.4 - O P.C.B.....	20
II.5 - A Semana de Arte Moderna.....	22
III - A Década de vinte no Rio Grande do Norte.....	23
III.1 - A Sociedade.....	25
III.2 - A Classe Trabalhadora.....	26
III.3 - Universidade Popular.....	29
III.4 - Combate ao Cangaceirismo.....	31
III.5 - A Coluna Prestes no RN.....	32
III.6 - Governos estaduais do período.....	34
III.6.1 - Antônio José de Melo e Souza.....	34
III.6.2 - José Augusto Bezerra de Medeiros.....	34
III.6.3 - Juvenal Lamartine.....	36
CONCLUSÃO.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	39
ANEXOS.....	42



## I N T R O D U Ç Ã O

A década de vinte foi um período agitado devido as constantes revoltas surgidas a partir do fortalecimento e do reconhecimento social de grupos que apresentavam suas características próprias e bem definidas.

É lutando por seus espaços no campo político e econômico, que vamos encontrar diversas revoltas e aspirações sociais durante este período.

Nosso trabalho procura mostrar como tudo isso aconteceu a nível de Rio Grande do Norte. Numa visão mais ampla apresentamos de início, o quadro da República Velha a nível nacional. Seus imensos contrastes, apresentados desde a sua proclamação, pois, apesar de mudar a forma de governo, o poder durante toda a República Velha permanece nas mãos dos senhores de terra manipulando política e economicamente todo o país. A centralização das decisões fica por conta de São Paulo e Minas Gerais que através de acordo auternavam os candidatos a Presidente da República por meio da política do café-com-leite.

Em nosso trabalho procuramos mostrar de que maneira se comportava o restante do país com esta política. O campo de influência das oligarquias e seu poderiu nas decisões locais, regionais e nacionais, quando não só defendia, como elegia quem quizesse.

Num outro capítulo procuramos detalhar uma panorâmica nacional nos anos 20, mostrando aí, o fortalecimento de grupos de oposição política surgidos e intensificados a partir de diversos acontecimentos externos que influenciaram diretamente como: a Revolução Russa, as teses da terceira internacional comunistas, as idéias

marxistas e o restabelecimento da I guerra Mundial. Daí procuramos mostrar o destaque da classe média sobre as demais, e os seus movimentos surgidos a partir das reivindicações como o tenentismo, a Coluna Prestes, a Semana de Arte Moderna, etc.

Um outro ponto, foi o crescimento do operariado brasileiro nos anos 20. Procuramos apresentar as diversas mudanças de comportamento dos trabalhadores, passando a formar sindicatos e partidos, e conseguindo explodir greves na luta por suas melhores condições de salários.

Depois de todo o desfeixe dos acontecimentos nacionais, apresentamos ainda o reflexo de todos estes acontecimentos no RN. Como se comportavam a sociedade, os meios de produção e exportação do Estado neste período, assim como os governadores desta fase e suas principais ações. O poder dos latifundiários, a influência da igreja contra os movimentos sociais e as principais organizações da classe trabalhadora no RN, formam então o resultado de uma longa pesquisa em diversos livros, arquivos de jornais como a República e ainda, visitas ao Instituto Histórico e Geográfico do RN e no arquivo público estadual consultando as mensagens do governo deste período.

Mesmo com as dificuldades apresentadas, sentimos a necessidade de pesquisar o citado tema pela sua relevância social tendo sido este período, onde tudo se preparou e se programou a Revolução de 30. Sendo também, um assunto a nível estadual pouco estudado. Esperamos está contribuindo fortemente para o enriquecimento da historiografia potiguar.

## I - A REPÚBLICA VELHA

A República no Brasil apesar de ser um sistema de governo, que desde a segunda metade do século XIX era defendida e idealizada por grupos e partidos, que incondicionalmente lutavam pelo federalismo, não nascera ela com estes objetivos defendidos durante tanto tempo. Mas, foi na verdade, a vitória de dois diferentes grupos que a proclamaram tão somente visando seus próprios interesses e benefícios.

De um lado os fazendeiros defendiam o fim da Monarquia, porque a República representava para eles o fim da centralização imperial, a autonomia estadual e a possibilidade de impor ao país um sistema que desse prioridade ao núcleo agrário-exportador em expansão. Do outro lado, os militares que trouxeram da Guerra do Paraguai o espírito de modernidade, e assim conseguiriam com a República, um fortalecimento onde pudesse então se organizar livremente.

Além de tomada de poder, também a eleição do primeiro Presidente da República foi conquista dos militares, mas o fato, é que o seu líder escolhido para presidente, era um grande monarquista e ainda amigo do Imperador, e que não tinha estrutura suficiente para assumir uma República onde economicamente dominava a classe dos senhores fazendeiros latifundiários que precisavam de uma economia descentralizada, onde os latifúndios através do Estado tivessem autonomia financeira beneficiando seu intercâmbio comercial do uso do poder em nome da nação.

"Economicamente na República a principal fonte de receita dos Estados era a taxa de exportação, e a do governo federal

era as de importações".(1)

No sentido econômico a autonomia e o domínio financeiro do país, girava em torno do eixo SP/MG e ainda RS que se destacava na pecuária nacional formando estes três estados juntos mais de 50% da produção econômica nacional, favorecidos pelo surgimento e centralização industrial nestas áreas que se tornaram propícias à industrialização, tanto pela proximidade da matéria-prima, como pela grande leva de mão-de-obra, provocada pela libertação dos negros na quela região, levando a economia brasileira depender inicialmente na República Velha da prosperidade e do progresso da economia exportadora.(2) Enquanto no Nordeste a cana-de-açúcar segue uma trajetória de decadência por não acompanhar no mesmo ritmo os passos da industrialização. Montada ainda na sua velha e tradicional estrutura de monopólio agrário, vai perdendo aos poucos seu espaço, pois seus mecanismos de produção vão se tornando ultrapassados. No lugar de uma sociedade patriarcal, conservadora e estagnada, vai se formando e tomando lugar uma sociedade à base de mão-de-obra imigrante implantando-se a usina e trazendo um novo modelo econômico com novos moldes capitalistas, tomando assim o lugar do velho engenho.

O fortalecimento e o destaque econômico dos grandes estados e a decadência do Nordeste, se faz também, com o incentivo do próprio governo aos cafeicultores, intervindo na economia cafeeira desde 1906 com o Convênio de Taubaté para garantir o nível de preço do café, intervindo assim diretamente no mercado e assegurando a alta rentabilidade do setor cafeeiro durante o período de 1906/30, mesmo que para isso o governo tivera que recorrer a grandes empréstimos no exterior.

(1) MARIZ, Marlené da Silva. CA Revolução de 1930 no RN....

(2) LOPEZ, Luis Roberto. História do Brasil Contemporâneo...



Ainda no âmbito econômico acrescentamos os momentos a pós a Primeira Grande Guerra Mundial. Se ela de um lado prejudicou provocando a baixa das exportações do café, do outro ela contribuiu bastante para o avanço industrial à medida que a guerra diminuiu a nossa capacidade de importar, e forçou o país a buscar mecanismos de se autosubsidiar implantando e desenvolvendo projetos industriais para fabricar o que até então tinha que importar.(1)

As atividades econômicas na República Velha se concentravam em áreas bem definidas dando espaço à formação de uma sociedade regional que se destaca a partir da divisão e do predomínio e econômico financeiro nesta região do país, criando entre seus estados um forte elo político, a ponto de dominar até os anos 30, marcando as eleições desde 1910 até 1930. Esta configuração socio-política peculiar que provoca o desequilíbrio regional (de um lado o decadente Nordeste açucareiro e do outro o eixo SP/MG vivendo uma progressiva trajetória de industrialização). O fortalecimento dos estados com a vinda da República tinha provocado o fortalecimento de grupos regionais oligárquicos que evoluíram suas forças a ponto de dominar o cenário da política nacional. "A Democracia tinha apenas um conteúdo formal. A Soberania popular significava apenas a ratificação das palavras palacianas anulando o voto aberto à representação democrática".(2)

A forte predominância destas oligarquias impede a integração dos demais estados nas decisões e na liderança política do país, servindo apenas de confirmadores das decisões dos estados majoritários que formalizaram o seu domínio com um poderio peculiar de poder, em períodos de mandatos governamentais intercalados,

(1) LOPEZ, Luis Roberto. História do Brasil Contemporâneo...

(2) MOTA, Carlos Guilherme. Brasil em perspectiva. São Paulo...

chamado de política de café-com-leite. Os fazendeiros transformavam-se em coronéis, e sua força política não <sup>lhe</sup> exigia-lhes mais ir até à corte como deputado ou senador. Deixava-se ficar na cidadezinha a fazer política, tendo em suas mãos o necessário. Sob a sua tutela estava a lei, a política, o escrivão, o juiz, os votos e as atas eleitorais e sob suas ordens saíam os deputados, senadores e até o Presidente da República. (1)

"as eleições de Rodrigues Alves (1919), de Artur Bernardes (1922), de Washington Luís (1926) e a que antecedeu a Revolução de 30 desenvolveram-se dentro de um sistema onde os partidos nacionais se ausentaram e foram definidas pela "política dos governadores" direcionadas pelos estados de maior expressão sócio econômica. (2)

No âmbito social não poderia ser diferente. A sociedade era estabelecida adequadamente às formas conservadoras e patriarcal agrária, em que se desenvolvera. Os coronéis dominavam as opiniões, as formas de pensar e ele era a voz soberana, a última palavra, e ninguém tentasse ser contra às suas decisões, pois rapidamente seria reprimido e quando não, eliminado. Os imigrantes trouxeram para o Brasil a sua ideologia anárquico-sindicalista que conseguiu chegar até os proletários das indústrias brasileiras e aos trabalhadores das grandes fazendas. Apesar de uma forma lenta foi se estruturando os Sindicatos Operários criando com o tempo os primeiros grupos de base que faziam oposição ao sistema, mas que raramente prosperava.

Já na década de 20 é que se fortaleceu <sup>na</sup> os grupos de oposição política, a partir das influências marxistas, das idéias

(1) BASBAUN, Leôncio. História sincera da república...

(2) MOTA, Carlos Guilherme. Brasil em perspectiva....

socialistas da revolução russa e com o próprio movimento conscien  
tizador do estado de exploração em que viviam as classes sociais  
inferiores, naquele período. Todos os grupos divergentes se apresen  
tavam como os "salvadores nacionais" para as crises sociais e polí  
ticas. Até os militares se rebelaram através dos movimentos tenen  
tistas na procura de conseguirem chegar ao poder, apresentando pro  
gramas que coincidiam apenas com as aspirações de alguns setores.  
Ameaças ao poder dos presidentes, surgimento de novos partidos com  
ideologia esquerdista e revoluções sociais fizeram da República Ve  
lha uma grande transição de uma população social e economicamente  
agrícola para uma nova forma de vida. Não uma República como sonha  
vam os seus idealizadores, mas um período de forte destaque na His  
tória nos deixando, relevantes pontos para o progresso do Brasil  
de hoje.

## I I - O B R A S I L N A D É C A D A D E V I N T E

O Brasil no início dos anos 20 apresentava-se dentro de um contexto mais amplo a nível mundial que se recuperava da I Grande Guerra, deixando grandes contrastes políticos e econômicos. Enquanto na Europa a maior parte dos países ficou arrasada com a guerra, os Estados Unidos se beneficiaram com o momento, pois além de não ter sido campo de batalha que pudesse apresentar prejuízos, ajudava financeiramente os países a se recuperarem do conflito e ainda melhorava o seu potencial industrial à medida que fabricava produtos para exportar e abastecer os países sofridos com a guerra.

Tudo acontecia de uma maneira que aparentasse está<sup>va</sup> a Europa vivendo uma euforia de paz irreversível, tentando esquecer a guerra, e dedicando-se a recuperar a economia. "Fenô<sup>me</sup>nos inquietan<sup>tes</sup> como o estalinismo soviético e o surgimento de idéias nazistas eram vistos como excessão". (1)

No Brasil, apesar de já ultrapassar os trintas anos de República a situação política em quase nada havia mudado, continuava sendo um país de características agrária, vivendo num sistema semi-feudal e semi-escravista em que predominava política e econômica<sup>mente</sup> a vontade de um grupo de grandes proprietários e exportadores de café, produto esse que assegura a economia do país neste período. Até então as decisões estavam centralizadas nestes cafeicultores. A República não tinha feito outra coisa senão cuidar do café e dos que, por meio dele, enriqueciam. Deixavam de ser uma política agrícola para ser cafeísta. Éramos um país com uma estrutura

(1) LOPEZ, Luis Roberto. História do século XX...

formada de grandes propriedades que variavam de 250 a 500 alqueires de terras, com uma população em que 90% não possuía nenhuma terra ou meios para obtê-la. Mas é nos anos 20 em que esse produto sofre suas profundas crises.

O governo era um instrumento desta classe monopolista e nele refletia a situação econômica do café. Em 1921, os preços caem e o Brasil faz empréstimos de 4 milhões de libras permitindo aos fazendeiros retirarem do mercado 3 milhões de sacas. Mas graças a nova alta dos preços, esse empréstimo é liquidado antes do prazo. No entanto essas sucessivas crises trazem a necessidade de uma defesa permanente do café, e é a partir daí que ~~se~~ criou-se em São Paulo em 1924 o Instituto de Defesa do café. O mesmo tinha como objetivo, regulamentar a compra e venda e ainda manter um nível alto de preços. Ficou ainda instituído, a criação de um fundo destinado a garantir novos empréstimos com uma taxa de 1\$000 ouro por cada saca de café.(1)

Mesmo sendo politicamente uma República de predominância agrária, não impediu o avanço de outros setores. Paralelo à economia cafeísta, a vida urbana também se desenvolvia, as classes sociais começavam a se distinguir mais e se destacar, cobrando também o seu espaço e sua participação.

Mesmo já existindo um espaço industrial no Brasil durante a República, foi nos anos 20 que a indústria consegue melhor avanço. A guerra tinha diminuído a nossa capacidade de ...importar, forçando o avanço industrial brasileiro, que passou a produzir para substituir as importações e atender às necessidades do crescente mercado consumidor interno. Com isso milhares de novas fábricas surgiram no país. Esse desenvolvimento industrial concentrou-se no

(1) BASBAUM, Leôncio. História sincera da República...

no eixo SP/MG, em cujas razões estão na rápida acumulação de capital que o café proporcionou pela introdução do trabalho assalariado. O complexo econômico gerado pelo núcleo cafeeiro (estradas de ferro, bancos, comércio de importação e exportação, a mecanização, etc.) formam a base para todo esse conjunto industrial que se de desenvolveu durante o período.(1)

Surge também nos anos 20, conseqüentemente a partir destas mudanças, o fortalecimento das camadas sociais urbanas, como a burguesia industrial, a classe média e o operariado, que começaram a pressionar o governo na tentativa de que também obtivessem seus espaços no meio político e econômico.

A burguesia industrial prejudicada com o apoio exclusivo ao café dado pelo governo e com as diminuições das tarifas alfandegárias sobre a importação de vários produtos estrangeiros, reinvidicava mais financiamento à indústria e a decretação de novas medidas protecionistas. Como não era atendida, continuou a fazer pressão, contribuindo com isso, para o enfraquecimento político das oligarquias.

A burguesia industrial não podia perder a oportunidade de se sobressair neste período, já que o espaço econômico no momento era propício, pois a necessidade de produtos industrializados aumentara mais e mais. Era preciso se modernizar. Enquanto na Europa, que era a referência do mundo no período, assim como nos demais países, o capitalismo industrial já comandava também no campo político, no Brasil o domínio político estava ainda nas mãos de grandes proprietários de terra através de uma política monopolista destes dois grandes estados, cujos planos e projetos eram voltados pa

(1) MENDES JÚNIOR, Antônio. Brasil história - texto & consulta. 5ed.

ra beneficiar com exclusividade essa classe social.

Para a política brasileira dos anos 20, não havia percebido o fortalecimento de outros setores sociais. Mas a indústria ao conquistar seus espaços consequentemente reforça a classe média que é o principal consumista de seus produtos. Esta classe além de não aceitar a estrutura vigente, almeja também a ocupar altos cargos na política. E com pressões através de levantes e rebeliões ela se opõe ao sistema. Prejudicada com a administração corrupta e cheia de fraudes eleitorais tenta denunciar através de seus movimentos, incluindo um combate à política econômica do governo.

## I I.1 - O T E N E N T I S M O

O Tenentismo tem sua originalidade a partir das crises políticas e econômicas que passava o país no início dos anos 20.

Epitácio Pessoa havia adotado em seu governo uma política civilista a ponto de nomear os civis Pandiá Calógenes e Raul Soares para os Ministérios da guerra e da Marinha respectivamente. Este episódio, como também algumas cartas anônimas atribuídas ao candidato à Presidência da República foram algumas das causas imediatas para a explosão dos conflitos tenentistas.

Economicamente o país apresentava um alto índice de inflação provocado pela aquisição de empréstimos aos Estados Unidos e mesmo assim o governo não havia concedido aumento do salário mínimo provocando novas greves operárias no Brasil.

A crise tinha uma abrangência mais geral englobando os diversos segmentos sociais. Faltava apenas que um destes grupos assumisse a frente desta luta contra o governo acumulando os diversos de todos estes segmentos.

No momento um grupo que dispunha de estrutura até pela sua própria organização era o grupo dos militares. E era oportuno o momento em virtude de estarem sendo os mais atingidos com as supostas cartas que injuriavam o Exército e atacavam a moral de seu comandante o Marechal Hermes da Fonseca.

Isto representava um forte agravante a um grupo que tinha toda uma educação coberta de moralismo sendo o referencial na segurança da nação. Era raro neste poderoso sistema encontrar concepções diferenciadas. Apenas na Escola de Praia Vermelha e no sul do país é que predominava a doutrina positivista estimulando a politização dos militares, chegando a tenentes e capitães insurgen-



rem contra a cúpula de Exército e contra a própria oligarquia do minante e acima de tudo revoltavam-se em ter que se submeter a um regime que consideravam corrupto.(1)

A campanha pela sucessão presidencial de Epitácio Pes soa desencadeia este conflito entre as Forças Armadas e as clas ses dominantes que culminaram com as primeiras manifestações te nentistas, ou seja, o Levante do Forte de Copacabana, da Escola de Realengo, de algumas manifestações da Vila Militar, da Primei ra Circunscrição de Mato Grosso e de membros isolados do Exérci to e da Marinha em Niterói.

Esta mesma campanha formou a Reação Republicana com as oligarquias de BA, RS, PE e RJ apresentando o candidato Nilo Peçanha.

"Esses militares rebeldes assim como a reação repu blicana apresentaram-se como dois movimentos paralelos de reação às forças políticas básicas da primeira República, formando assim os militares, um <sup>pa</sup>el de partido, pois era na verdade um grupo organizado".(2)

É importante destacar a mudança ocorrida pelo Tenen tismo no decorrer dos anos. Em 1922 o movimento defende e luta por causa própria como uma forma de reação ao tratamento que esta vam tendo. Os tenentes agem sozinhos e não buscam aliados nas o ligarquia dissidentes e nem apoio de grupos populares. Segundo Ma ria Cecília Spina na sua obra Tenentismo e Política, três causas já davam presságio do fracasso do movimento: o retardamento de contatos entre os revoltosos, a falta de articulação completa de movimentos e o conhecimento completo e perfeito de toda ação revo

(1)LOPEZ, Luis Roberto. História do século XX.3.ed.,Porto Alegre,..

(2)FORJAZ, Maria Cecília Spina.Tenetismo e política.....

lucionária pelo governo. Já em 1924 os tenentes não estão mais ligados por questões de grupos isolados e nem por choque com os interesses de forças vigentes, não se vêem como representantes de uma determinada categoria social, mas falam em nome de interesses nacionais, supondo representarem uma consciência nacional. A própria situação política do país contribuiu para essa nova maneira de agir. Estava no poder um governo centralizador que governava à base de estado de sítio, impedindo qualquer oposição a ele. Isso formou uma nova forma dos militares se revoltarem. O que queriam agora era a derrubada do governo para que se revertesse a situação sociopolítica de toda a nação. Mas, por falta de uma boa articulação entre civis e militares, e grandes desentendimentos retardaram a explosão do movimento.

Em alguns manifestos publicados pelos revolucionários tenentistas apresentam propostas de governo:

- Restabelecer a forma de governo republicano federalista;
- Rever as atuais fronteiras dos Estados em tudo que disser respeito aos interesses regionais, com a possível diminuição do número de unidades da federação;
- Separação da igreja e o Estado;
- Proibição da reeleição para Presidente da República e governadores;
- Decretar voto secreto;
- A obrigatoriedade do ensino primário e profissional.

Mas segundo Boris Fausto em História da civilização brasileira, "o Tenentismo se resume no seu caráter político e ideológico difuso, na sua feição predominantemente militar e portanto isolacionista. Além disso o elitismo, o nacionalismo vago, e a crítica exclusivamente jurídico-política definiram o movimento.

## I 1.2 - A COLUNA PRESTES

A organização política na década de 20 mostrava que as classes dominantes, a burguesia agrária, os latifundiários es tavam no Partido Republicano. A classe operária concentrava-se nos sindicatos. A classe média não tinha pespectivas, constituía-se das mais variadas camadas sociais entre o proletariado e a burguesia.

Além da dificuldade econômica em progredir, via o fantasma do proletariado. Se politicamente, entendia a necessida de de reforma no país, temiam também mais do que nunca uma Revo lução Comunista.

Segundo Basbaum cada camada social compreendia essa revolução de forma particular: para os pequenos comerciantes e industriais era a diminuição dos impostos; para o funcionalismo o aumento do vencimento e a liquidação do regime dos pistolões, garantia contra o desemprego era o que pensava o proletariado. Pa ra todos a liquidação do Parlamento, da Justiça, o afastamento dos políticos profissionais, o voto secreto, etc.

A Coluna Prestes encarnava tudo isto, elê era a sín tese de todas estas aspirações.

### I I:3- O O P E R A R I A D O

Com o desenvolvimento industrial no Brasil, mesmo con centrado em regiões bem definidas, formaram-se lutas operárias em que os operários iam constituindo umasc classe social definida com caracteres e reivindicações próprias.

Além de constituir uma das camadas maiss atrasadas e miseráveis da população. Sem qualquer preparo, analfabetos em sua grande maioria, submeteram-se aos mais baixos salários e as condições de trabalho mais terríveis. Não tendo legislação que os amparasse trabalhavam de 10 a 12 horas diárias. Crianças trabalha vam desde 06 a 07 anos nas fábricas do Rio.

Esse contingente era formado grande parte de ex-escravos, retirantes das secas nordestinas, de antigos moradores que vinham fugindo do campo, ou por haver perdido as terras ou por não suportarem as condições baixíssimas de vida nas regiões ru rais. E outra parte provinha do empobrecimento da classe média, de alguns setores da burguesia urbana, geralmente artesãos, como sapateiros, marceneiros, donos de pequenas oficinas ou ainda manufaturas, de 2, 3 ou 5 operários e que não resistindo à concorrêncicia das grandes fábricas, iam empregar-se como simples operários. O operariado brasileiro apresentava uma diversidade em origens, ideologia e aspiraçõess, sendo porém agora não apenas uma expres são numérica mas, uma força em potencial, adquirindo característica de uma classe bem definida.

A medida em que esta classe começara a se organizar formou-se também nnovos costumes no dia-a-dia do operariado.

Nos anos vinte os jornais e as associações de classes

começaram a promover algumas excursões, reuniões, formas de lazer, como músicas, jogos, danças e reuniões coletivas, com propagandas, debates públicos, comícios, palestras e as tradicionais encenações de grupos amadores de teatro proletário, cujas peças expressavam sempre um conteúdo social e político sobre a luta de classes. "Estas realizações partiam quase sempre dos núcleos de militantes e dirigentes, em geral, as tendências libertárias, anarquistas, além de socialistas. Além do teatro que geralmente compunha-se por militantes anárquicos de origem europeia, a imprensa europeia de tendência anarco-sindicalista era uma atividade político-cultural, mais decisiva enquanto instrumento básico de organização da classe operária.(1)

(1) MENDES JÚNIOR, Antônio. Brasil história textos & consultas. 5ed.

São Paulo, Hucitec, 1991. 3 vol. 368p.

I I.4 - O      P . C . B

A criação do PCB ligou-se intimamente à conjuntura do movimento operariado. Os reflexos da Revolução Russa de 1917 e as divergências entre anarquistas e comunistas seguidores de Lênin fez criar uma ampla discussão entre os anos de 1919 a 1922 aqui no Brasil.

O surgimento deste partido foi fruto da união de vários grupos espalhados pelo país, nascidos a pouco tempo. Uns egressos do anarquismo e outros de pequenos grupos espalhados pelo Brasil. Desde 1921 reuniões de militantes trabalhistas no Rio de Janeiro evoluiu-se para transformar-se num grupo de defesa das teses da III Internacional Comunista. O grupo tratou de entrar em contato com líderes de todo o país que estavam a defender estas teses. Após 05 meses de discussões fundou-se o partido num congresso em fevereiro de 1922. Os comunistas eram constituídos em sua maioria, por operários ativistas do movimento sindical. Mas, com 04 meses o partido foi dissolvido com o Estado de sítio. Esse período durou de 1922 até janeiro de 1927 quando foi sustado o último estado de sítio anterior a 1930. Foram anos de consolidação da estrutura interna, de alguma ampliação e de sua influência no plano de lutas operárias e de reconhecimento de sua existência a nível internacional.

Segundo Basbaum em História sincera da República, em 1924 marcou-se o caminho inverso do Partido. Iniciava-se um período de estabilidade do capitalismo e uma certa estagnação na economia e por vezes mesmo uma queda do movimento revolucionário.

No final da década, em 1929 a grande maioria dos sin  
dicatos operários de São Paulo era dirigida por comunistas ou  
simpatizantes do comunismo. "Greves de grande amplitude como a  
dos gráficos de São Paulo em 1929, a dos marinheiros em 1928, fo  
ram inspiradas e dirigidas por operários comunistas.

Outra grande influência foi nos movimentos estudan  
tis, principalmente nas faculdades de Direito, Medicina e Enge  
nharia, sobre a influência dos comunistas, fundam-se os primei  
ros diretórios acadêmicos, em 1926". (1)



(1)BASBAUM,Leôncio. História sincera da República....

## I I.5 - A SEMANA DE ARTE MODERNA

No início da década, as velhas estruturas, os gestos artísticos perdiam a razão de ser diante das divisões do mundo moderno. Surgiam mudanças na Literatura, música, nas artes plásticas: futurismo, dodecaformismo, cubismo. O cinema surge como a primeira arte para as massas. As comunicações se modernizam com o aeroplano e as transmissões radiofônicas. A elite da classe média brasileira sentiu a necessidade de corresponder à essas novas exigências modernas e desprezar os modelos arcaicos. E até era preciso criar uma arte mais nacionalista, libertando-se assim da européia. O mais importante foi que, a partir deste momento os artistas passaram a produzir sua arte para uma problemática bem mais próxima do povo. Do modernismo da época surgiram várias correntes. Alguns de seus participantes derivaram para a esquerda, outros foram para a direita integralista.

Um ponto a destacar também foi a arte popular que passou a ser uma arte de artistas vindos das camadas baixas da população urbana. Isso foi facilitado pela difusão de gravação de discos e rádios. O samba deixou de ser de malandro e passou a ser utilizado também pela classe médias.

Na música, alguns compositores como Villa-Lobos preocupavam-se em negar técnicas e temas musicais de alguns compositores brasileiros que escreviam músicas "europeizantes". Até a própria arquitetura era de origem européia antes da semana. Um grande exemplo é a avenida paulista.



### III - A DÉCADA DE VINTE NO RIO GRANDE DO NORTE

O Rio grande do Norte durante a década de 20, apresentava-se como um Estado periférico sem quase nenhuma influência nas decisões políticas e econômicas do Brasil, refletindo aqui nesta fase, todos os momentos de favorabilidade ou não das conjunturas do sul do país.

Se a nível nacional tínhamos um sistema político oligarquico com base rural, cujas decisões, eram apenas uma rotatividade das idéias destes grupos, aqui no Estado não poderia ser diferente.

O censo realizado em 1920 mostra um Estado com 209 estabelecimentos rurais acima de 2000 hectares de extensão ocupando... 43,64% da área total de propriedades rurais do Estado.(1)(anexos) ~~nos~~,

Isso mostra o predomínio da grande propriedade rural no Rio Grande do Norte. Quanto à sua produção, o Estado passava também neste período por mudanças na sua economia de exportação. Na década anterior os produtos predominantes no Estado eram o sal e a cana-de-açúcar pois, a oligarquia Maranhão era monopolizadora da exportação destes produtos, favorecendo apenas aos grupos econômicos que lhes apoiavam financeiramente nas campanhas políticas.

Com a subida da oligarquia Medeiros através de José Augusto e Juvenal Lamartine o investimento na produção agrícola passou a ser no algodão e na pecuária, pois era esse grupo que formava a burguesia algodoeira auxiliado pela pecuária no Estado. Todavia podemos observar o quanto os interesses pessoais ou familiares influenciavam na economia do Estado. Toda a administração estava

(1)SOUZA, Itamar de. História da república velha no RN....

voltada para o favorecimento destes grupos. Era um exclusivismo à produção agrícola, a ponto dos governantes não terem sequer, uma política clara que pudesse melhorar o padrão social da população.

Éramos uma população com um índice de alfabetização baixíssimo, apenas 18% da população sabia ler, comprovando assim o nível de consciência do povo potiguar, apenas os filhos dos senhores latifundiários é que tinham acesso a um 3º grau em outros estados de projeções nacional. A despreocupação educacional era tão grande, que mesmo o Estado conseguindo em 1923, fundar a Escola de Farmácia sendo a 1ª escola superior do Estado, em 1925 diplomou dois estudantes e no ano seguinte (1926) foi fechada por questões políticas e só reaberta no governo de José Augusto.(1)

A saúde da população na década de vinte, era muito precária, as doenças que hoje são curada com uma certa facilidade como doenças venéreas, tuberculose, etc., viravam epidemias, por não haver um projeto de saúde preventiva. A primeira providência sanitária à só foi tomada quando o governo federal determinou providências através de vários decretos. O índice de mortalidade infantil era tão alto chegando a uma média de 41,05 % sobre a mortalidade geral. (ver anexos)

(1)SOUZA, Ítamar de. História da república velha no Rio Grande do....

## I I I . 1 - A S O C I E D A D E

"O que dominava o Estado sem dúvida era a burguesia agro comercial. A classe média neste período estava reduzida e política mente pouco expressiva. Era formada por profissionais liberais, o funcionalismo civil e militar e os pequenos e médios comerciantes e outros setores de menos expressão". (1)

Era uma sociedade em cujos mecanismos de sobrevivência eram os mais precários possíveis. Não podíamos ter neste período uma população ativa com um alto índice de analfabetismo, com 41 % de mortalidade infantil sobre a mortalidade geral e com um alto surto de lepra apavorando toda a população. O próprio meio de vida populacional desencadeou uma população alienada sem muitas discor dâncias, aceitando a estes descasos e esta situação com bastante naturalidade. Aqui no Estado a oposição não se apresentava ameaça dora como no restante do país. Era facilmente dominada e dispersa da. As autoridades patrocinavam uma educação estabelecendo limites nos conteúdos, na forma de passar, enfim, a ordem era facilmente mantida quando, algum movimento local queria erguer-se e quando os nacionais tentavam penetrar as fronteiras do RN.

### I I I . 2 - A C L A S S E T R A B A L H A D O R A

O Rio Grande do Norte mesmo tendo características de capitalismo periférico, reflete o que se passa com os trabalhadores nas áreas de capitalismo de centro.(1)

Mesmo fazendo parte do todo, a classe trabalhadora potiguar tinha o seu lado específico. De acordo com o censo de 1920 o RN possuía 197 estabelecimentos industriais e 2.146 operários. Na sua maioria trabalhavam nas salinas de Macau, Areia Branca e Canaquaretama; nas Ferrovias Grest Western e Estrada de Ferro Central, nos Portos de Natal e de outras cidades marítimas; nas indústrias de alimentos e de bebidas, assim como no setor gráfico. Eram destes setores, por apresentarem o maior número de trabalhadores, que surgiam as principais organizações operárias.

A Década de 20 foi um período em que surgiram no Estado o maior número de Associações operárias. Segundo Itamar de Souza estas explosões resultou das repercussões da Revolução Russa de 1917. A partir de então tanto na Europa como no Brasil desenvolveu-se um trabalho de dupla finalidade: por um lado reprimir a classe trabalhadora ligada as aspirações anarquistas e socialistas e por outro lado agrupá-la em associações de orientação conservadora. Estes mecanismos aconteceram de maneira bem trabalhada a ponto de conseguir criar na população um certo medo a estas idéias. Criaram-se frases como: "o bolchevismo é um perigo" ou chamava-se os militantes de "indesejáveis".

Um ponto a destaca-se neste período foi também a influência da Igreja Católica no movimento operário. Ela conseguiu criar as associações de operários católicos com uma educação sistemática

(1)SOUZA, Itamar de. História da república velha.....

de posicionamentos contra anarquistas e socialistas. A nível nacional estas organizações sempre ficaram ao lado do governo nas movimentações e procuravam uma forma para em nome de Deus apaziguar as manifestações pregando inclusive a repressão ao anarquismo.

Da mesma maneira acontecia com os Círculos operários católicos potiguares fundados aqui por Dom Antônio dos Santos Cabral, que afirmava no seu discurso ter o operariado norterio-grandense "um socialismo de doutrinas tão diversas do falso socialismo ou anarquismo que procura convulsionar o mundo". (1)

Além da igreja católica com sua enorme influência no campo ideológico formou-se nos diversos setores propagandas contra a qualquer tipo de organização que surgisse da classe trabalhadora. A cada dia a imprensa divulgava notas que advertisse e amedrontasse a população.

O Sr. Mário Pinto publicou em A Imprensa em 28 de março de 1930.

"Entre os fenômenos que atualmente no mundo mais perturbam a normalidade da vida social e econômica, tornando tumultuária a evolução humana, o mais sério e grave é, sem dúvida, a série enorme das reivindicações operárias rompendo o dique de sua marcha natural para desbordar além dos limites necessários. O ponto de vista operário é necessariamente um ponto de vista falho e incompleto. Evidentemente os operários como homens, iguais a quaisquer outros, têm direito à máxima soma de bem-estar que for compatível com as condições econômicas em que nos achamos. Mas, se o operário exigir mais do que é possível atualmente das relações econômicas, se pretender governar a sociedade do ponto de vista exclusivo de seus interesses, impondo a tirania da sua classe, então o resultado é o que sucedeu na Rússia - é a volta ao barbarismo, é um recuo de séculos, e a miséria a fome, a anarquia, a opressão e a hecatombe dos próprios trabalhadores, vítimas de todos estes fatores. É preciso conservar o que está melhorando-o. A sociedade

(1) A REPÚBLICA, 28 de julho de 1919.

como a natureza, não faz saltos; ela evoluiu gradativamente e só por esta forma progride verdadeiramente, isto é, preservando as conquistas das gerações anteriores". (1)

Eram estes os tipos de textos divulgados constantemente. O grupo conservador era muito forte além do mais disputa dos mecanismos de comunicações a seu lado.

Quanto aos movimentos grevistas, nos anos 20, logo no início da década, uma greve que se destacou foi a dos ferroviários do RN e da Estrada de Ferro Central que em 1920 aderiu ao movimento que já repercutia em Recife, Maceió, na Paraíba, etc. Aqui no Estado os grevistas comportaram-se de maneira pacífica muito embora a polícia estivesse de plantão para evitar qualquer tipo de depredação nos carros e equipamentos da empresa. Algumas associações operárias de Natal tornaram-se solidárias aos grevistas, formando até comissões para angariar fundos, junto ao comércio para a sobrevivência dos mesmos e de suas famílias.

As greves neste período tinham quase que todas um único motivo: melhoria salarial.

Uma pessoa de destaque neste período na liderança trabalhadora fora Café Filho, que em 1923 liderou a greve dos estivadores de Natal, parализando toda a cidade. Vitorioso o movimento, Café Filho foi procurado por outros setores como a única fábrica de tecidos existente. Enfim liderou algumas greves vitoriosas.

Durante o governo de José Augusto (1924-28) e Juvenal Lamarine (1928-30) as associações operárias passaram por um processo de acomodação dos interesses da classe dominante. Através de vários mecanismos, principalmente o Partido Político Operário, estes líderes conseguiram manipular em proveito dos seus objetivos, quase todos os grupos operários. Neste período destes dois governos a classe operária só fazia duas coisas: Homenagear os governantes, e alfabetizar os filhos de seu associados. A ausência de Café Filho provocada pela fuga forçada contribuiu para esta queda nos movimentos operários.(2)

(1) A IMPRENSA, 28 de março de 1920 (jornal de onde?)

(2) SOUZA, Itamar de. História da república velha no Rio Grande do...

### I I I . 3 U N I V E R S I D A D E P O P U L A R

Café Filho era na realidade um grande líder da classe operária no início da década em uma de suas memórias, refere-se de forma sucinta: "De muito advogar a causa dos pobres, aderi ao drama deles e tomei a frente das suas reivindicações, no sindicato e nas ruas".(1)

Preocupado com a influência cafeísta no operariado, o governador José Augusto aliou-se aos coronéis do interior e à igreja católica através do bispo de Natal Dom José Pereira de Melo para fazer um "movimento doutrinário à classe trabalhadora", surgindo a partir daí em 1925 a Universidade Popular em Natal, Goianinha e Touros.

Por ocasião das comemorações a 1º de maio de 1925, realizadas no então Teatro Carlos Gomes (hoje Alberto Maranhão), o Dr. José Augusto anunciou a criação da Universidade Popular do Rio Grande do Norte. A aula inaugural da referida Universidade foi ministrada por Dr. José Pereira Alves. Após um longo discurso no qual conclamou o operariado a ser pacifista, apresentou Deus como sendo o "Grande operário". Finalizou a sua aula afirmando categoricamente que o operariado só possuía duas alternativas: ou Deus ou a Revolução.

Todos os temas abordados nas aulas desta Universidade era sobre a questão social. A aliança do Governo do Estado com a Igreja e os coronéis tinha tão somente objetivo político de conter a influência de Café Filho no seio da classe operária em formação e protegê-lo contra a influência ideológica socialista e comunista.(2)

(1) FILHO, João Café. Do sindicato ao catete, Rio de Janeiro....

(2) SOUZA, Itamar de História da república velha no Rn....

Os partidos que compunham todo o cenário potiguar eram  
04: o Republicano federal ao qual pertencia a classe poderosa reali-  
zando toda a arbitrariedade possível para manter-se no poder; o Par-  
tido Republicano Constitucional que era o de Café Filho tentando  
do combater as oligarquias e o Partido Político Operário que era um  
aliado ao Partido Republicano Federal. (20/10/2)





## I I I . 4 - C O M B A T E A O C A N G A C E I R I S M O

O cangaceirismo neste período era um fator que criava um certo de clima de pavor na população. Quando em 1922 explodiu a notícia que o Estado ia ser atacado por cangaceiros do Ceará e Paraíba, houve uma mobilização geral. De um lado as autoridades preparavam a segurança para combater os terríveis invasores; de outro a população fugiu para os lugares mais distantes das fronteiras dos Estados que haviam expulsado os cangaceiros. Na verdade os cangaceiros apenas invadiram algumas fazendas no extremo do município de Luis Gomes, não chegaram mesmo a penetrar o Rio Grande do Norte.

Foi desenvolvido um acordo entre os governadores do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba: " acordamos a união dos esforços dos três estados do extremo nordeste para o combate à vergonhosa praga de banditismo, pondo cada um, certa parte das suas forças sob a direção de uma autoridade especial comum, que por proposta do honrado Dr. Justiniano de Serpa, presidente do Ceará, ficou sendo o delegado paraibano Dr. Severiano Procópio, como o melhor conhecedor da zona habitualmente infestada pelos bandidos". (1).

(1) SOUZA, Antônio de Melo e. Mensagem dirigida ao congresso legislativo em 1922, Natal, Tipografia d'A República, 9124...

### III . 5 - A COLUNA PRESTES NO RIO GRANDE DO NORTE

Aquí no estado a Coluna Prestes infelizmente não conseguiu fazer entender seus objetivos e foi indesejada até muito antes de chegar aquí. O governo junto com as forças dominantes locais, montaram todo um esquema de ataque à Coluna Prestes, o governo do Estado mandou inclusive pedir reforço a Artur Bernardes para os "rebeldes" que estavam a invadir o Estado.

" Tendo rebeldes invadido o Ceará, e sendo possível que já procurem o RN, julgo do meu dever guarnecer as nossas fronteiras com aquele estado com os elementos de que puder dispor com o fim de auxiliar as forças federais e policiais de outros estados que os combatem. Como sabem já forneci um contingente de policiais do estado para o Piauí, onde lá ainda se encontra. Pequeno como são os elementos de força organizada do RN, já desfalcados da aquele contingente, preciso que a União me mande fornecer, com a urgência que o caso reclama, armamento e munição suficientes para , pelo menos, mil homens que necessito colocar nas fronteiras, impedindo assim, a incursão e ajudando as forças legais... Parece indispensável que me seja enviadas também algumas metralhadoras, sem as quais não é possível agir com eficácia.(1).

Mesmo conseguindo montar todo um esquema de segurança, a Coluna Prestes invadiu São Miguel arrombando casas e destruindo a cidade e exigindo do governo elevados tributos. Gerando uma confusão nas ruas e criando uma desordem. De São Miguel partiram pa

(1)A REPÚBLICA, <sup>mat.</sup> 18 de fevereiro de 1926.

ra Luis Gomes que estava quase abandonada quando a Coluna Prestes ,  
o alcançou.

Este foi o tipo de recepção que teve o grupo que andava  
no país divulgando uma oposição ao sistema. Por mais que existesse  
no estado algum grupo que os compreendesse, as forças legalistas fo  
ram muito mais rápidas e eficientes no sentido de evitar qualquer  
penetração, conseguindo assim mobilizar até mesmo a população para  
destruir o pavoroso grupo de revoltosos que percorriam o país.

*Mas mencione data de ocorrência .  
Nesse quanto tempo ocorreu*

### III . 6 - GOVERNOS ESTADUAIS DO PERÍODO

#### III.6.1 - ANTÔNIO JOSÉ DE MELO SOUZA (01/01/1920 à 31/12/1923)

Foi um governo em período de crise preocupando-se em fazer uma política assistencialista tentando melhorar o nível educacional do estado, criando 54 escolas primárias do litoral ao sertão e a Escola Normal de Mossoró com o objetivo de capacitar professores.

No bairro do Alecrim, por ser um bairro de concentração do operariado ele criou no seu governo com o intuito de controlar esta classe uma escola profissional com aulas de serrarias, marcenaria, sapataria e funilaria.

Foi também no seu governo a instalação da Escola de Farmácia, enquanto que na área da saúde foi um período de grande precariedade chegando a mortalidade infantil de 0 a 1 ano, ultrapassar o número de nascimentos. Se houve uma preocupação com a saúde, foi muito a nível local, conhecendo-se apenas o Serviço de Profilaxia das Moléstias Venéreas para todo o estado mas, que na realidade só havia estrutura na capital.

#### III.6.2 - JOSÉ AUGUSTO BEZERRA DE MEDEIROS (01/01/1924 a 01/01/1928)

A política do coronelismo tinha uma influência tão acentuada a ponto de o presidente lá do centro do país, manter o controle sobre cada governo e cada candidato. Aqui no ~~Estado~~<sup>Estado</sup>, a influência de Artur Bernardes desestruturou toda uma candidatura que já havia seestruturado, que era a de Ferreira Chaves. O mesmo desistiu de ser candidato por saber que o presidente Bernardes prefe

ria José Augusto. Até o próprio governador que já tinha o seu candidato (jornalista Eloy de Souza) desistiu para apoiar José Augusto.

O seu governo era um pouco liberal, muitas vezes até tolerante com relação à oposição. Fez-se politicamente pela oligarquia Maranhão, mas, preparou para sucedê-lo, seu parente Juvenal Lamartine, tentando estruturar politicamente no poder a oligarquia Meireiros, e juntos já preparavam a candidatura de Cristóvão Dantas, parente próximo.

Seu governo coincidiu com a fase de avanço das organizações da classe trabalhadora. Foi sensível às aspirações do proletariado, apoiando com o reconhecimento como utilidade pública suas associações e subvencionando as suas escolas primárias. É considerado o ponto mais alto deste apoio à classe, a eleição para a Assembléia Legislativa do gráfico João Estevão Gomes da Silva.

Introduziu no Estado embora sob uma certa pressão de Juvenal Lamartine, o direito de voto à mulher como uma atitude pioneira pois antecipou-se à constituição de 1932.

Foi um governo que não só como os demais preocupou-se em construir escolas, criou também o Conselho de Educação em 15/02/1925 o qual possuía atribuições consultivas e deliberativas.

Promoveu também como aperfeiçoamento cursos de férias dos quais participaram mais de cem professores.

Governou o Estado num período em que as manifestações aumentavam mais e mais, e nenhum governo poderia mais repeimi-lós por completo. Estava próximo ao final da década onde estas agitações iriam culminar com a Revolução de 1930.

### III . 6 .3 - JUVENAL LAMARTINE DE FARIA (01/01/1928 a 05/10/1930)

Procurou complementar o apoio e a implantação do algodão como produto de exportação, procurando criar estradas que pudessem facilitar o escoamento dos produtos para a exportação. Como era de scendente da oligarquia Medeiros que detinha o monopólio algodoeiro do Estado, procurou facilitar as medidas no sentido de melhorar es produção.

Vivendo num período em que era comum cada fazendeiro pos suir em torno de si, seus cabras de confiança, prontos para executar o serviço, ele ordenava a polícia a agir com rigor contra os ladrões comuns, bandidos e cangaceiros ligados a adversários políticos.

Tratou os adversários políticos como inimigos pessoais persegui-os até a fuga para outros estados. Eles chamavam o seu go verno de "ditadura feminina e cangaceira".(1)

Foi um governo de muita perseguição política e de cor rupção às claras; fazendo o que podia e o que não podia para se bene ficiar. Queimar as atas de eleição que havia resultados indesejá veis, perseguir abertamente a oposição, serem cometidos crimes a seu mandato e ainda bater em operários que fizessem mobilizações foram alguns de seus atos enquanto governo do Estado.

Em 1930 muita coisa não havia mudado no Estado. Ele não havia evoluído sua participação no cenário nacional. Veio a Revolu ção e o RN mais uma vez ficou na retaguarda dos acontecimentos no sul do país. A Revolução aqui só se caracterizou de verdade com as mudanças políticas, a queda do governo e a intervenção direta do Pre sidente.

## C O N C L U S Ã O

A partir desta análise dos movimentos sociais e políticos da década de vinte, podemos melhor conceituar a Revolução de 30 com uma nova visão bem mais clara de que, ela foi a explosão de toda uma década de muita efervescência no cenário político, social e econômico do Brasil.

A nível estadual apesar de muito tempo passado, muita coisa não mudou na maneira de se fazer política. As oligarquias continuam no poder com uma rotatividade de duas famílias, assim como nos anos vinte, com as oligarquias Maranhão e Medeiros.

Não podemos deixar de reconhecer outros setores que muito evoluíram como a educação, a saúde, a intelectualidade, etc. Mas, os coronéis continuam com um novo pseudônimo, nova aparência, enfim com uma nova forma de controlar o voto e as eleições. O domínio econômico nas exportações do Estado ainda é feito por pequenos grupos que patrocinam financeiramente as eleições.

Nos anos 20, o controle do governo, dos coronéis e da igreja sobre os grupos sociais era de forma intensa, usando todos os mecanismos para barrar qualquer idéia anarquista e socialista que tentasse aqui se expandir. É um período também de muita repressão, chegando a provocar a fuga das lideranças estaduais. Isto contribuiu bastante para termos um Estado atrasado, alienado, numa posição periférica das decisões nacionais. Enquanto no sul as decisões eram bem discutidas e analisadas, aqui no Estado eram aceitas pacivamente.

E ainda não somos um povo nem politicamente, nem soci

almente independentes comprovando assim que, apesar do tempo a República Velha não morreu completamente.

Natal, julho de 1993.

O autor



## B I B L I O G R A F I A

- 1 - ALENCAR, Francisco. et al. História da sociedade brasileira. 2ed., Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1985. 339p.
- 2 - ALENCASTRE, Alvaro de. A revolução e seus aspectos militares. Bahia, Galbino Lourenço, 1931. 27 p.
- 3 - BASBAUM, Leôncio. História Sincera da república. 4ed., São Paulo, Alfa-Omega. 1975. 2 vol. 316p.
- 4 - BELO, José Maria. História da república. 2ed., p254-63. Presidência Artur Bernardes.
- 5 - CARONE, Edgar. A república velha. 4.ed., Rio de Janeiro, Difel, ... 1983. v.02. t2. 50p.
- 6 - CASCUDO, Luis da Câmara. História da cidade do Natal. 2.ed., Rio de Janeiro, 1955.
- 7 - \_\_\_\_\_ .História do Rio Grande do Norte. Departamento de Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1955.
- 8 - \_\_\_\_\_ .História da república no Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, Edições do vale Ltda, 1965. 307p.
- 9 - \_\_\_\_\_ Nomes da terra: história, geografia e toponímia do RN. Natal, Fundação Jose Augusto, 1968. 321p.
- 10 - \_\_\_\_\_ .Literatura oral no Brasil. 2ed., Rio de Janeiro, Instituto nacional do livro, 1978. 452p.
- 11 - \_\_\_\_\_ .Ontem. Natal, Imprensa Universitária, ... 1972, 256p.
- 12 - CUNHA, Flores da. A campanha de 1923. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1943. 294 p.



- 13 - FAUSTO, Boris. História da civilização brasileira: sociedade e instituições. 2 ed, Difel, 1985. 2 vol. 452 p.
- 14 - FORJAZ, Maria Cecília. Tenentismo e política na república velha. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- 15 - FENELON, Dea Ribeiro. 50 textos de história do Brasil. São Paulo. 1986.
- 16 - FURTADO, Celso (org). Brasil, tempos modernos. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- 17 - LIRA, Augusto Tavares de. História do Rio Grande do Norte. Natal, Fund. José Augusto, 1982.
- 18 - LOPEZ, Luis Roberto. História do Brasil contemporâneo. 6ed. Porto Alegre, Mercado aberto. 1991. 164p.
- 19 - \_\_\_\_\_ História do século XX. 3 ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987, 174 p.
- 20 - MEDEIROS, José Augusto B. de. O RN no senado da república. Brasília, 1980, 101 p.
- 21 - MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos geopolíticos da história do RN. Natal, Imprensa Universitária, 1973.
- 22 - MENDES JÚNIOR, Antônio. Brasil história texto & consulta. 3vol. São Paulo, 1991, 368 p.
- 23 - MOTA, Carlos Guilherme. Brasil em perspectiva. São Paulo, Difusão Européia, 1971.
- 24 - PEREIRA, Nilo. José Augusto "un democrata". Natal, Fundação José Augusto, 1981.
- 25 - MARIZ, Marlene da Silva. A revolução de 30 no RN- 1930-34. Brasília. Gráfica Franco. Natal, 1984.

- 26 - PRADO JR, Caio. História econômica do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1970.
- 27 - \_\_\_\_\_ .Evolução políticas e outros estudos. São Paulo, Brasiliense, 1970.
- 28 - SOUZA, Itamar de. A república velha no RN (1889-1930). Natal, ... 1989. 269 p.
- 29 - TREVISAN, Leonardo. República velha. São Paulo, Global, 1982.
- 30 - WILSON, Edmund. Os anos 20. São Paulo, Editor Shwarcz, 1987, 366 p.

A N E X O S

## QUADRO Nº 2

Estabelecimentos rurais do Rio Grande do Norte, número de hectares por grupos de área e percentagem de cada grupo sobre o total da área

Grupos de Área em Hectares	Número de Hectares Por Cada Grupo	% Sobre a Área Total
Até 41	23.072	0,95
De 41 a 100	82.995	3,43
De 101 a 200	162.327	6,72
De 201 a 400	284.316	11,79
De 401 a 1.000	480.731	19,92
De 1.001 a 2.000	327.032	13,55
De 2.001 a 5.000	546.587	22,66
De 5.001 a 10.000	146.778	6,09
De 10.001 a 25.000	163.698	6,79
De 25.000 e mais	195.369	8,10

FONTE: Recenseamento do Brasil — 1920

Ministério da Agricultura e Comércio

Diretoria Geral de Estatística,

Rio de Janeiro, Typ. da Estatística, Vol. III, (1ª parte)

1923

**QUADRO Nº 15**

Natal: Mortalidade Geral e Infantil: Período de 1919 a 1928

<b>Anos</b>	<b>Mortalidade Geral</b>	<b>Mortalidade Infantil De 0 a 1 ano</b>	<b>% da Mortalidade Infantil Sobre a Geral</b>
1919	1.057	452	42,76
1920	798	296	37,09
1921	870	343	39,42
1922	970	402	41,44
1923	983	405	41,20
1924	1.029	446	43,34
1925	768	302	39,32
1926	863	361	41,83
1927	1.076	461	42,84
1928	934	443	47,43

FONTE: Faria, Juvenal Lamartine de — Mensagem à Assembléia Legislativa, Natal, Imprensa Oficial, 1929, p.63

### QUADRO N° 13

Estabelecimentos Industriais do Nordeste em 1920, distribuídos por Estado

Estados	Número de Estabelecimentos
1. Bahia .....	491
2. Alagoas .....	452
3. Pernambuco .....	442
4. Ceará .....	294
5. Sergipe .....	237
6. Paraíba .....	251
7. RIO GRANDE DO NORTE .....	197
8. Maranhão .....	89
9. Piauí .....	55
<b>TOTAL</b>	<b>2.508</b>

FONTE: Recenseamento do Brasil — 1920

.....